

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo

Class.: Missões / Geral

Data 6 de novembro de 1973

Pg.: J3R00052

# Missões reclamam definição da Funai

Da Sucursal de  
BRASILIA

Já na primeira reunião do Seminário Fundação Nacional do Índio — Missões Religiosas, ficou bem clara a divergência entre as várias missões que atuam no Brasil junto aos grupos indígenas e a política da Funai, embora o principal objetivo — estabelecer bases mais concretas e objetivas para o trabalho das diversas entidades responsáveis pela assistência ao índio brasileiro — não tenha sido discutido.

Na instalação da reunião, o missionário jesuíta padre Antonio Iasi pediu explicações à Funai sobre a posição oficial do órgão diante do trabalho das Missões Religiosas. "No seminário realizado em Cuiabá, no início do ano — afirmou —, um representante da Funai deixou claro que vocês são contra qualquer atividade missionária junto aos grupos indígenas, argumentando que nosso trabalho é prejudicial, pois não respeitamos os valores tribais, tentando impor uma religião cristã aos índios. Desde essa época, nós estamos esperando uma resposta oficial da Funai, que foi pedida pela própria Conferência Nacional dos Bispos".

A resposta ao padre Antonio Iasi foi dada pelo presidente da Funai, general Bandeira de Mello, que argumentou não ser essa a posição oficial da Funai, mas de um antropólogo do órgão, Ney Land, que representou a Funai no Simposio de Indigenismo, em Cuiabá. "Existem missões que ainda cometem erros — afirmou o general — mas reconhecemos que já está existindo uma mudança de mentalidade e as próprias missões estão sentindo necessidade de reformular suas antigas posições, atuando mais diretamente na assistência ao índio, deixando que ele faça sua opção religiosa quando já integrado".

Para alguns missionários que participam do encontro, a aproximação entre religiosos e Funai está sendo feita muito tardiamente.

"Esta reunião — afirmam — que visa a obter um maior entrosamento entre a Funai e Missões, poderia dar bons frutos, se estivessemos ainda no início do governo, mas na verdade é uma grande incógnita para nós o que vai ocorrer a partir do próximo ano. Mesmo

assim, ele será válido como uma "lavagem cerebral", para que tanto a Funai como os missionários possam debater seus pontos de divergência.

Antes da abordagem do tema central do encontro no dia de ontem, — saúde do índio — o encontro passou a se caracterizar pelas acusações de missionários à Funai, até que o superintendente do órgão de proteção ao índio, general Ismarth de Araujo, tomou a palavra e conseguiu tornar menos tenso o ambiente. "Todos nós sabemos — afirmou o general — que existem falhas no trabalho da Funai, mas estamos certos que também as missões religiosas apresentam falhas na sua atuação. Não é isso o que interessa agora. Devemos tentar, durante esta semana, buscar um caminho comum, pois apesar de métodos e filosofias de trabalho diferentes, estamos lidando em função de uma causa comum: o índio".

Os missionários protestantes presentes ao encontro praticamente não se manifestaram, ontem, e nas raras intervenções que fizeram durante os debates ressaltaram o trabalho da Funai e a necessidade de um maior entrosamento entre os responsáveis pela assistência ao índio no Brasil.

Os missionários católicos defenderam a posição de vincular a Funai à Presidência da República. "Não adianta se pensar em dar proteção ao índio dentro de um Ministério que cuida diretamente do problema de desenvolvimento regional. Vinculada à pasta do Interior, a Funai sofre pressões dos grupos econômicos interessados em investir na Amazônia, e como estes são mais fortes, quem sai prejudicado é o próprio índio, que vê suas terras invadidas e desrespeitadas".

### Saúde

Ao abordar o problema de saúde nas comunidades indígenas, o chefe da Divisão de Saúde da Funai, Aldo Olmos Molina, fez um relatório sobre as atividades no setor. Defendendo-se das críticas feitas à política de saúde da Funai, afirmou Aldo Molina que a "Funai está enfrentando atualmente o grande desafio da sua história, com a abertura de novas estradas na conquista da Amazônia. A dispersão espacial de uma população avaliada em 150.000 índios já nos causa sérios problemas. Isso, aliado ao desloca-

mento de milhares de trabalhadores, para a colonização de novas áreas, deu origem a novos problemas de saúde, decorrentes do convívio e contaminação, pois o índio não tem resistência a doenças comuns entre os brancos, como a gripe, a tuberculose e o sarampo".

Ressaltou que a experiência adquirida nos trabalhos de campo tem demonstrado que, entre os fatores que influem na população dos grupos tribais, o principal são os agentes morbidos introduzidos através do convívio e contaminação com a população neo-brasileira.

### Integração gradativa

O presidente da Funai, general Bandeira de Mello, falando ontem no encontro voltou a afirmar que a política indigenista brasileira está baseada na convenção 107 de Genebra, que consolida a política assistencial ao índio na integração lenta, gradativa e espontânea, visando a auto-promoção do grupo e o respeito às tradições, usos e costumes das comunidades tribais. "O índio — afirmou o general — são homens como nós e tem pleno direito de ingresso na nossa sociedade, em igualdade de condições".